

MONTANHA

Os rubros flamboyants não florescem na montanha; parece que eles precisam de terra mais quente e ar mais grosso de sal para acender suas floradas vermelhas. Mas dispomos aqui, no verde-escuro da floresta, da prata das imbaúbas e do rosa das grandes paineiras. E principalmente acontece que as quaresmeiras andaram lendo o diário de Delacroix e por isso procuram, no lombo dessas montanhas, abrir suas floradas roxas junto da glória dourada dos fedegosos. (Que nome tão feio para essas irmãs em côr dos ipês e das acácias imperiais!).

O amarelo é estridente, como o toque dos metais; mas o violeta é tão vivo que parece estar tocando violino com voz aguda no ar fino.

E na casa de meus amigos, sobre um fundo de capim barba-de-urso, um pequeno manacá, com suas flôres roxas e brancas, parece uma jovem viúva no seu último tempo de luto aliviado, meio triste e quase alegre.

As cigarras e os passarinhos cantam no ar a glória dessa manhã de verão. E, absurdamente perto de nós, um inhambu piou duas vezes.

Mas na manhã seguinte, mais alto, em Teresópolis, descubro que essas cigarras daqui de cima têm um jeito diferente de cantar. A segunda parte, depois que elas tomam embalagem, é igual ao canto das cigarras do Rio, apenas talvez um pouco menos grave. Mas a primeira parte parece mais um chamamento de filhote de cambaxirra.

Sei que Olegário Mariano tem uma casa por aqui, mas não sei onde é, e tenho pressa de descer; os problemas lá no Rio estão me chamando.

Não haverá nosso colóquio sobre cigarras e passarinhos: certamente isso é menos grave que não haver um encontro Eisenhower-Stalin, e esta idéia me traz um precário consolo quando caminho de volta para o calor, a afobação e as promissórias do Rio.

R. B.

4/3/53

RN-720